

## DOMINGOS PEIXOTO DA SILVA, UM PIONEIRO AFRO-BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Francisco Carlos Ribeiro<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o trabalho pioneiro de Domingos Peixoto da Silva como estudante do Seminário Adventista entre 1915 e 1922, como administrador do Colégio Adventista entre 1939 e 1947 e como líder do Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil entre 1951 e 1971. A pesquisa se caracteriza como um trabalho de investigação bibliográfica em que se pretende demonstrar a presença afro-brasileira nos primórdios da história denominacional, principalmente na Educação Adventista, com a fundação do Seminário Adventista (atual Unasp).

**Palavras-chave:** Adventismo. Colégio Adventista. Educação Adventista. Unasp.

## DOMINGOS PEIXOTO DA SILVA, AN AFRO-BRAZILIAN PIONEER OF ADVENTIST EDUCATION

### ABSTRACT

This article aims to present the pioneering work of Domingos Peixoto da Silva as a student at the Adventist Seminary between 1915 and 1922, as an administrator at the Adventist College between 1939 and 1947, and as leader of the Department of Civic Duties and Religious Liberty of the Seventh-day Adventist Church in Brazil between 1951 and 1971. The research is characterized as a bibliographical investigation whose aim is to demonstrate the Afro-Brazilian presence in the early days of denominational history, mainly in Adventist Education, with the founding of the Adventist Seminary (currently Unasp).

**Keywords:** Adventism. Adventist College. Adventist Education. Unasp.

Editor Científico: Ellen Nogueira Rodrigues  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Recebido em 12.06.2023  
Aprovado em 07.09.2023

Como citar: RIBEIRO, F. C. Domingos peixoto da silva, um pioneiro afro-brasileiro da educação adventista. *Docent Discunt*, Engenheiro coelho (SP), v. 4, p. e01596, 2023. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v4.n1.pe01596>

<sup>1</sup> Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP, São Paulo, (Brasil). E-mail: [francisco.ribeiro@unasp.edu.br](mailto:francisco.ribeiro@unasp.edu.br) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6096-8553>

Em 1872, Ellen G. White apresentou um dos princípios fundamentais da educação adventista:

O propósito de Deus para com os filhos que crescem em nossos lares, é mais amplo, mais profundo, mais elevado, do que o tem compreendido a nossa visão restrita. Aqueles em quem Ele viu fidelidade, têm sido, no passado, chamados dentre as mais humildes posições na vida, a fim de testificarem dEle nos mais elevados lugares do mundo. [...] Multidões serão chamadas para um ministério mais amplo. O mundo todo se está abrindo para o evangelho. [...] Do Japão, China e Índia, das terras ainda obscuras do nosso próprio continente, de toda parte deste nosso mundo, vem o clamor de corações feridos em seu anelo de conhecimento do Deus de amor. Milhões e milhões jamais sequer ouviram falar em Deus ou Seu amor revelado em Cristo. Eles têm direito de receber este conhecimento. [...] Recai sobre nós, os que recebemos este conhecimento, e sobre nossos filhos, a quem o podemos comunicar, atender ao seu clamor (WHITE, 1997, p. 262-263).

Pelo que podemos abstrair do texto acima, o objetivo fundamental da educação adventista é a pregação do evangelho. Ela não surgiu para a criação de grandes e lucrativas instituições de ensino. Isso o mundo já possuía naquele momento e continua ter hoje. Para Deus, educação não é empresa, mas uma missão salvadora. Mas, se formos observar mais atentamente, a autora indica que o campo missionário são os povos asiáticos em especial, mas por extensão todas as nações e etnias do mundo.

No Brasil, o adventismo foi introduzido a partir de 1885 através do envio de revistas e livros, que chegaram ao porto de Itajaí, em Santa Catarina. Publicados principalmente em alemão, esses escritos atingiram em especial a comunidade de colonos de origem germânica, que se fixaram no país desde 1850. Com a vinda dos primeiros missionários estadunidenses, que se dedicaram com maior ênfase ao evangelismo desses colonos, o adventismo aparentemente ficou a margem das pessoas afrodescendentes. No entanto, através de novos estudos históricos, essa antiga imagem tem ficado cada vez mais desbotada. Em um país multirracial, como

o Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), desde seus primórdios contou com o envolvimento de pessoas de várias etnias. Um exemplo disso foi o trabalho pioneiro do pastor e professor Domingos Peixoto da Silva.

Nascido no dia 12 de novembro de 1898, na cidade gaúcha de São Borja, ele, sua mãe (Virgínia Cândida) e sua irmã (Isaura)<sup>2</sup> aceitaram a mensagem adventista entre 1919 e 1922. De origem afrodescendente e de formação batista, os Peixoto da Silva logo começaram a participar de atividades evangelísticas no Rio Grande do Sul. Domingos Peixoto foi batizado pelo pastor H. F. Neumann em Porto Alegre, nas margens do rio Guaíba, após uma série evangelística também realizada por Neumann. De seu pai, Paulino Peixoto da Silva, não se tem notícia, podendo nessa época, estar separado de sua mãe ou já ter falecido.

**Imagem 1:** primeira turma oficial de formandos do seminário adventista.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do Unasp. Da esquerda para a direita: Bergold, Adelina, Peixoto, Isolina, Belz, Philonila, Waldvogel, Alma, Denz.

Antes de ir para o Seminário Adventista<sup>3</sup>, no ano de 1920, Domingos Peixoto concluiu o ensino básico em Porto Alegre. Para pagar as mensalidades do curso de

<sup>2</sup> Isaura Peixoto de Oliveira converteu-se a fé adventista em 1922, tornando-se posteriormente uma ativa instrutora bíblica na Associação Rio-Minas por 38 anos, entre 1930-1968.

<sup>3</sup> O Seminário Adventista foi fundado 1915, mas ao longo do tempo, com a expansão de suas atividades, foi passando por mudanças em sua denominação institucional. *Seminário Adventista* (1915-1922), *Colégio Adventista* (1923-1942), *Colégio Adventista Brasileiro* (1942-1961), *Instituto Adventista de Ensino* (1961-1999) e *Centro Universitário Adventista*

Teologia, ele se dedicou à colportagem<sup>4</sup> durante suas férias escolares. Tornou-se, assim, o primeiro aluno de teologia afro-brasileiro. Em 1922, concluindo seus estudos, participando da emblemática primeira formatura oficial da instituição, que também contou com a presença dos pioneiros Adolpho Bergold (1899-1992), Adelina Zorub (1899-1985), Isolina Avelino (1892-1980), Rodolpho Belz (1898-1978), Philonila dos Santos (?-?), Luiz Waldvogel (1897-1990), Alma Meyer (1902-1994) e Guilherme Denz (1900-1986)<sup>5</sup>.

Como estudante, demonstrou um temperamento sociável, “com leve traço físico pardo, não auto explicitado negro nem formalmente identificado por seus colegas” (HOSOKAWA, 2018, p. 586). Segundo, Moyses S. Nigri<sup>6</sup>, ele sempre andava bem-vestido, portando “uma personalidade contagiante” entre seus contemporâneos (NIGRI, 1993, p. 90). Durante os anos de 1921-1922 atuou como gerente de publicação do jornal estudantil *O Seminarista*, criado pelo diretor-geral Thomas W. Steen. Nele também escreveu alguns artigos juntamente com Luiz Waldvogel<sup>7</sup> e outros colegas de seminário.

Domingos Peixoto começou a trabalhar como pastor-evangelista da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 1923, em Minas Gerais, e posteriormente em São Paulo e no Rio Grande do Sul, tornando-se primeiro pastor afro-brasileiro da IASD no Brasil.

Ainda em 1923, em 19 de dezembro, casou-se com Maria Luíza Chagas (1896-1943), sendo que dessa união nasceu sua única filha, Virgínia<sup>8</sup>. Após a morte

---

de São Paulo (2000 até os dias de hoje). Ver: RIBEIRO, F. C. Unasp através dos tempos in DOUGAS, M. BERTAZZO, E. RIBEIRO, F. ABRAÇOS, G. **Unasp no tempo: histórias, tradições e transformações**. Engenheiro Coelho: Unasp Press, 2021.

<sup>4</sup> **Colportagem** é uma palavra de origem francesa (*colporteur*: *col* (pescoço) + *porter* (carregar), podendo ser traduzida por vendedor ambulante que carrega no pescoço a sua mercadoria). No Brasil, o termo passou a ser associado a vendedores de publicações (livros e folhetos) de cunho religioso, principalmente por membros de igrejas cristãs não católicas.

<sup>5</sup> RIBEIRO, F. C. *et al.* “Rumo ao mar”: 100 anos da primeira formatura de ensino superior no Capão Redondo. In **110 anos do Capão Redondo**. São Paulo: Revista Cordis, vol. 1, nº 27, 2022.

<sup>6</sup> **Moyses Salim Nigri** (1914-2010) foi pastor, administrador eclesiástico e o primeiro latino-americano a se tornar vice-presidente da Associação Geral da IASD entre 1970-1980. Ele foi aluno de Domingos Peixoto no curso teológico no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde estudou de 1935 a 1936.

<sup>7</sup> Luiz Waldvogel depois de formado em 1922 se tornou um dos mais importantes editores, tradutores e escritores da Casa Publicadora Brasileira juntamente com sua esposa Isolina Waldvogel.

<sup>8</sup> **Virgínia Peixoto** e o jovem Milton Afonso (futuro criador da empresa de saúde Golden Cross) principiaram um pequeno namoro na época em que Domingos Peixoto era diretor do CAB. Como ele se opôs ao relacionamento (na época, alunos não podiam namorar na instituição), Milton acabou sendo expulso do colégio. Ao longo dos anos, pai e filha mantiveram alguns

prematura de Maria Luíza, casou-se, em 1944, com Alice Wilfart, filha do pastor Ricardo José Wilfart (1878-1944). Ela também era viúva do obreiro Egon Hermanson, tendo um filho, Mário Wilfard Hermanson, que foi criado por Domingos Peixoto.

Durante seu ministério como evangelista, presenciou a oposição do catolicismo romano daquela época. Deve-se lembrar que, até a Constituição de 1891, essa vertente do cristianismo, tinha sido a religião oficial do país, e que o estado laico ainda não estava consolidado plenamente na sociedade. Na cidade de São João da Boa Vista (SP), em 1926, ele viveu uma de suas mais impressionantes experiências como pregador-evangelista:

No dia 6 de janeiro de 1926, às 17:30 horas, a procissão saiu da matriz com os seus estandartes, banda de música, padres, ladainhas etc. Como medida de precaução do Delegado, em frente ao nosso salão estavam um Deputado Estadual, o próprio Delegado e 6 praças da Força Pública do Estado. [...] Mais de 80 homens, sitiados, adrede preparados e aconselhados pelos padres, continuaram pela avenida, em direção ao nosso local de culto, levando latas com gasolina e gritando: “Morte aos hereges! Sejam queimados com a propriedade” [...] Queriam depredar, queimar e matar. A situação tornava-se tensa e crítica a ponto do Delegado, perdendo a serenidade ordenar: “Soldados, atirem em quem se atrever a pôr o pé na calçada.” Os amotinados acovardados, recuaram e se dispersaram (SILVA, 1972, p. 17).

Esta situação deve tê-lo feito pensar na importância da defesa da liberdade religiosa para a pregação do evangelho no Brasil, preparando-o, assim, para sua futura obra como Secretário Geral do Departamento de Assuntos Cívicos-Religiosos da IASD.

Em 1928, Domingos Peixoto foi ordenado ao ministério, na cidade de Porto Alegre em uma reunião campal da Associação Rio-Grandense do Sul. Em 1929, foi chamado para ser evangelista da antiga União Leste Brasileira, sediada no Rio de Janeiro. Sua atuação no Rio chamou a atenção, a simpatia e principalmente a confiança dos administradores das instâncias superiores da igreja.

---

problemas de relacionamento pessoal, que levou Domingos Peixoto a romper com Virgínia. Esse rompimento permaneceu até a sua morte.

Essa confiança foi importante nos anos de fortes ventos do nacionalismo que já sopravam no país. Peixoto foi fiador nacional da Associação Geral, órgão máximo da IASD, na transição da liderança das mãos estrangeiras nos anos 1930-1950 para os ombros nacionais (HOSOKAWA, 2018, p. 594).

Em 1934, foi convidado para ser professor no mesmo Seminário Adventista<sup>9</sup>, no qual fora aluno. No ano seguinte, foi enviado para os Estados Unidos a fim de realizar seu aprimoramento acadêmico no Pacific Union College, na área de teologia. Com seu retorno ao Brasil, em 1937, foi nomeado diretor do Ensino Médio do Colégio Brasileiro, para em 1939, assumir sua Direção Geral, tornando-se assim, o primeiro brasileiro (e afrodescendente) a exercer esse cargo.

Devido à Segunda Guerra Mundial, Domingos Peixoto, com o objetivo de interceder em favor dos alunos do Colégio em idade de serviço militar, manifestou-se junto a Presidência da República, afirmando que os adventistas do sétimo dia não eram covardes, mas, sim, não combatentes por princípio religioso. Sua nomeação para a Direção Geral do Colégio se demonstrou muito apropriada para aquele momento histórico, devido à sua relação de proximidade com o presidente Getúlio Vargas.

Em 1937, Domingos Peixoto divulgou através da Revista Adventista a seguinte notícia a respeito da postura da IASD em relação as suas convicções com relação a participação de jovens em campo de batalha:

Os adventistas do sétimo dia, pelas suas convicções religiosas são reconhecidos em todo o mundo como não-combatentes. Este princípio é do conhecimento do Exmo. Snr. Presidente da República, pois no dia 22 de abril de 1937, uma comissão, da qual o signatário deste, era presidente, entregou nas mãos do dr. Getúlio Vargas um memorial no qual a nossa atitude de não-combatentes é explicada. A mocidade adventista não é um grupo de covardes morais. Nossos jovens estão prontos a enfrentar os perigos e asperezas da guerra. Não temem ir para frente de batalha para recolherem os feridos

---

<sup>9</sup> Ver a nota 1.

tombados no campo de luta (SILVA, 1941, p. 1 *apud* HOSOKAWA, 2018, p. 596).

Porém, a solução para esta situação, não ocorreu naquele momento. Os resultados desse esforço em defesa dos estudantes do Colégio em especial e dos jovens adventistas no geral, só ocorreu em 1954, quando o Ministério da Guerra, aprovou as “Instruções para o funcionamento do Curso de Formação Enfermeiros-Padroleiros, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como se pode ver na Imagem 2.

Imagem 2: Portaria do Ministério da Guerra, 11 de março de 1954.



Fonte: <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/os-adventistas-e-a-ii-guerra-mundial/> Acesso: 14/11/23

Hoje, no Brasil, muitos jovens podem contar com a assistência da IASD no que se refere ao serviço militar obrigatório, e que implica, principalmente, na transgressão do sábado.

Sem se envolver em questões políticas ou partidárias, Domingos Peixoto soube recorrer a sua antiga amizade de infância e juventude com Vargas em São Borja, para conseguir a autorização da abertura do curso de enfermeiro-padioleiro para os convocados de guerra, além da oficialização dos cursos Científico, Clássico e Normal do C.A.B.

**Imagem 3:** Portão de entrada do C.A.B. construído por Domingos Peixoto.



Fonte: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GGU&lang=pt> Acesso: 10/11/23

Como diretor geral do Colégio Adventista/Colégio Adventista Brasileiro<sup>10</sup> entre 1939 e 1947, sua administração tem sido reconhecida como uma referência histórica, não só pela transição da liderança estrangeira para a nacional, mas também por uma série de realizações, que levaram a instituição da “infância” para a “maturidade” como centro educacional. Foi durante sua gestão que se fez uso da publicidade com textos e fotografias junto a grande imprensa com o propósito divulgar o Colégio; que se apoiou a realização de várias turnês do Coral Carlos Gomes a fim de se gravar músicas para o rádio, tornaram o coral nacionalmente conhecido; que se estruturou o curso de formação de enfermeiros-padioleiros com certificação da Cruz Vermelha

<sup>10</sup> Ver nota 1.

e reconhecimento do Exército Brasileiro; e que principalmente se construiu a fábrica de alimentos Superbom.

Após sua saída do Colégio, o pastor Peixoto passou a trabalhar como administrador em outros departamentos da IASD, com especial destaque na Casa Publicadora Brasileira (1949-1950) e, principalmente, na liderança do Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa (1951-1971). Como secretário-geral desse departamento, soube manter um bom relacionamento com as autoridades dos poderes judiciário, legislativo e executivo do Brasil, principalmente durante nos governos de Juscelino Kubitschek (1956-1961), João Goulart (1961-1964) e Costa e Silva (1967-1969), quando se empenhou em obter apoio governamental para os projetos assistenciais da IASD.

Aposentando-se em 1971, passou a viver na cidade do Rio de Janeiro. Em seus últimos dias, porém, experimentou os dolorosos efeitos da velhice, sofrendo de esclerose, passando a necessitar de cuidados especiais. Veio a falecer em 11 de setembro de 1980, aos 82 anos, na cidade carioca.

Domingos Peixoto da Silva deixou um importante legado de serviços prestados à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Trabalhando ativamente por 49 anos, sua contribuição pioneira pode ser percebida em várias áreas de atuação.

Como líder do Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da IASD, ele supervisionou a criação de vários cursos de formação para socorristas-padioleiros, além de se tornar um dos principais defensores dos jovens adventistas que enfrentavam problemas com relação à isenção de aulas às sextas-feiras à noite e de exames acadêmicos aos sábados, em seus estudos.

Como intelectual, sua maior contribuição foi a publicação do primeiro livro de história da Igreja Adventista escrito por um brasileiro. *História das missões e denominacional*, publicado em 1937, apresenta um relato da expansão do cristianismo em geral e do adventismo em especial, com algumas páginas dedicadas ao adventismo no Brasil.

**Imagem 4:** Pastor Domingos Peixoto da Silva.

Fonte: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGOX&lang=pt> Acesso: 10/11/23.

Atuando como um bom relações públicas, ao circular nos meios jornalísticos e políticos, Domingos Peixoto ajudou a divulgar a igreja a qual pertencia. Pessoa de confiança da denominação adventista, surgiu em um momento de desconfiança da sociedade brasileira em relação as pessoas de origem estrangeira, durante a Segunda Guerra Mundial. O fato de ser afrodescendente com um sobrenome brasileiro, favoreceu a IASD assumindo a direção geral do Colégio Adventista e da Casa Publicadora Brasileira, quando as autoridades brasileiras pressionavam pela troca por pessoas nativas.

Através do trabalho do pastor Domingos Peixoto da Silva, pode-se perceber que Deus não faz distinção de nacionalidade, etnia ou classe social para a realização de Seu serviço. Sendo o Pai de todos os seres humanos, Ele deseja com que nos tornemos membros de uma mesma família por criação e redenção.

## Referências

ENCYCLOPEDIA OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. encyclopedia.adventist.org, website oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2020. Disponível em [https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGOX&highlight=Domingos | Peixoto | da | Silva](https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGOX&highlight=Domingos%20Peixoto%20da%20Silva) Acesso em: 29/10/23.

HOSOKAWA, E. *et al.* Domingos Peixoto da Silva: jornalista e relações públicas da IASD. In: TOMAZ, T., FOLLIS, R. **Os desafios da comunicação: temas e contextos do primeiro AdventCom.** Unasp Press, 2018, p. 581-608. Disponível em: <https://cdn1.unasp.br/home/2018/09/OS-DESAFIOS-DA-COMUNICA%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em: 14/11/23.

RIBEIRO, F., BERTAZZO, E., ABRAÇOS, G. Live “Unasp e suas memórias: Domingos Peixoto, um pioneiro da Colina”. Centro de Memória Unasp São Paulo, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=i2MTuulDTMM> Acesso em: 30/10/23.

RIBEIRO, F., BERTAZZO, E., ABRAÇOS, G.. “Rumo ao mar”: 100 anos da primeira formatura de ensino superior no Capão Redondo. **Revista Cordis**, vol. 1, nº 27, 2022, p. 70-97. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/59242/40521> Acesso em: 14/11/23.

RIBEIRO, F. Unasp através dos tempos. In: MENSLIN, D. et al. **Unasp no tempo: histórias, tradições e transformações.** Unasp Press, 2021, p. 54-60.

SILVA, D. P. Recordar é viver... Santo André: **Revista Adventista**, fev. 1972, p. 17. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra> Acesso em: 15/11/23.

VÁSQUEZ, M. **Milton Afonso: vida e obra.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 46-49.

TONETTI, M. Os adventistas e a II Guerra Mundial. **Revista Adventista.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/os-adventistas-e-a-ii-guerra-mundial/> Acesso em: 14/11/23.

WHITE, E. G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997, p. 262-263.